

CINEMA CHECO

anos sessenta

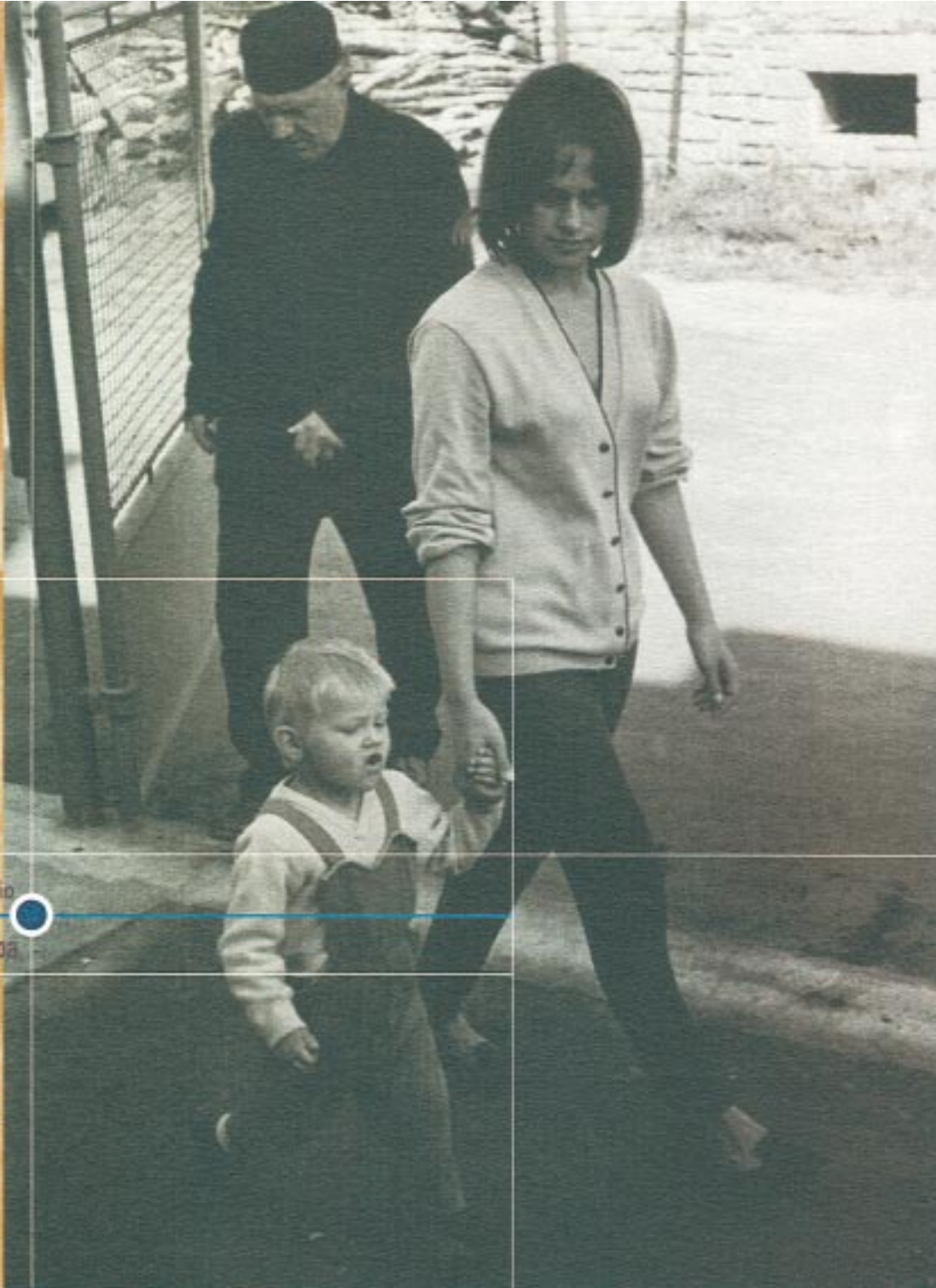
a nova vaga do


8. 9. 10 e 11 de Maio

Videoteca de Lisboa



EMBAIXADA
CHECA






Com a realização de muitas dezenas de mostras, ciclos e retrospectivas, a Videoteca da Câmara Municipal de Lisboa tem dado um contributo significativo para o conhecimento de obras, de autores e até de cinematografias praticamente desconhecidas do público português, ampliando e diversificando assim a possibilidade de nos apercebermos de outras realidades da arte cinematográfica e audiovisual que, quer pelas opções dos seus conteúdos quer pelas características estéticas ou formais dos seus componentes, não despertam naturalmente a curiosidade dos exibidores em geral, e da actividade comercial em particular.


Assim foi, por exemplo, com o ciclo de Cinema Cubano, a mostra de Cinema Lusófono ou a excelente retrospectiva de Zbig Rybksinsky. E assim será também — sem dúvida — com este Ciclo de Cinema Checo que a Videoteca vai agora apresentar, e cuja concretização foi possível graças à colaboração da Embaixada da República Checa, e ao apoio e entusiasmo do seu Embaixador, Professor Doutor Václav Hubinger a quem, em nome da Câmara Municipal, apresento os meus agradecimentos.

Trata-se de um conjunto de filmes da chamada Nova Vaga do cinema checo, todos eles produzidos nos anos 60, e cuja exibição foi rigorosamente proibida pelos soviéticos logo após a invasão da República Checa em 1968. Filmes que ficaram trancados durante praticamente 20 anos nos segredos dos arquivos que o invasor controlava, e que só voltariam a sair do cativo da censura depois de 1989, quando a democracia finalmente regressou ao País Checo.

Não importará tanto, neste caso, a análise crítica de cada um dos filmes no que respeita à sua dimensão estritamente cinematográfica, mas sim o facto deles nos trazerem os reflexos reais de uma sociedade que durante duas décadas foi obrigada a esconder os seus gestos, ao mesmo tempo que desvendam as imagens de um povo e de uma cultura que praticamente desconhecemos. Componentes que farão deste ciclo, estou certo, mais uma importante iniciativa da Videoteca da nossa Cidade.



O Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
João Soares



Comecei a descobrir os filmes da chamada *nova vaga do cinema checo* numa idade em que os jovens começam a criticar tudo à sua volta: a escola, os pais, e também o mundo que os rodeia e parece cheio de injustiças, acções desonestas e caracteres falsos. Nos meus dezasseis ou dezassete anos isto foi sentido com muito mais intensidade do que a realidade daquilo que muito mais tarde começou a chamar-se o regime totalitário. Para a minha geração foi uma grande sorte termos amadurecido intelectualmente em contacto com a produção artística de indivíduos que, numa realidade com ausência de liberdade, sabiam ter opiniões e discurso crítico, sabiam olhar à sua volta, sabiam descobrir relações que a nós ainda nos escapavam e, sobretudo, sabiam denominar o visto. Falavam connosco numa língua que, embora artística e estilizada, nos era compreensível. Nos filmes e na literatura dos anos sessenta reconhecíamos o nosso dia a dia, os protagonistas utilizavam as palavras como nós as utilizávamos e a infelicidade das personagens dos filmes e das obras literárias, tinha as mesmas razões que a nossa. As metáforas, a linguagem, os símbolos — tudo era tão claro. O horror não consistia em sangue derramado e prédios em chamas, mas sim naquilo que, em voz baixa, com calma e demonstrando uma cultura fingida, comunicava o funcionário do partido. E ficávamos com pele de galinha quando ouvíamos os pais e as mães dos filmes, explicar aos seus filhos adolescentes como é que o mundo funciona. Tivemos que rir perante as situações penosas que nos filmes viviam os nossos coetâneos, mas cada um de nós já tinha vivido algo parecido na sua própria pele.

Não sei até que ponto esta produção era conhecida e popular no estrangeiro e não sei avaliar quanto é compreensível para o espectador que não é checo. Mas no nosso país estes filmes enchem os cinemas do mesmo modo que os filmes com a grande estrela desse tempo Jean-Paul Belmondo. Muitos deles tiveram que pagar pela sua popularidade, ficando — nos anos da chamada “normalização”, após a invasão soviética em 1968 — fechados nos arquivos, sendo proibida a sua exibição pública. O melhor testemunho da força da sua mensagem é talvez o facto de imediatamente após Novembro de 1989 começarem a ser

novamente exibidos, desta vez não nos cinemas onde actualmente reina outro tipo de produção, mas na televisão e com o êxito garantido. Não sei exactamente em que consiste o segredo do encanto do filme checo para um espectador checo, mas hoje alguns filmes checos alcançam vendas maiores que a maioria dos filmes americanos. Talvez seja a sua poética peculiar ou a utilização perfeita do ambiente intimamente conhecido e o global contexto social, mas também será algo mais. De todas as maneiras, parece-me que os filmes checos dos anos noventa que têm tido o maior sucesso, lembram em muitos aspectos os filmes da já legendária *nova vaga*. A sua rudeza não costuma ser visível logo no primeiro momento, porém, tanto mais cruel é o conhecimento da realidade escondida por detrás das palavras amenas. Tudo decorre nas ruas e no melo da natureza que tão bem conhecemos e amamos, mas o idílio já desapareceu e à nossa volta fica o mundo com todas as suas coisas boas e más.

Não sou perito em cinematografia, mas sempre fui um grato espectador de filmes checos e é difícil que isto alguma vez mude. Não sou capaz de analisar a produção cinematográfica checa dos anos sessenta utilizando a terminologia de um crítico de cinema, de maneira que pude oferecer apenas as minhas impressões pessoais. Estou absolutamente certo de que os filmes da *nova vaga do cinema checo* contribuíram para a formação da minha visão do mundo, porque não se trata de contos para cinema, mas sim de histórias que puderam acontecer a cada um de nós. São filmes sérios sobre coisas sérias que muitas vezes, com a ironia própria dos checos, aligeiram o fardo que de outra maneira seria demasiado difícil carregar. Não é fácil recuar hoje trinta anos atrás, e ainda menos quando o espectador vive num país distante milhares de quilómetros e é portador de uma tradição cultural e artística diferente. Nem tudo será compreensível para o espectador português, mas creio que os filmes apresentados têm tanto conteúdo humano em geral, e europeu especificamente, que uma compreensão básica deve ser possível.



→ 21:30

MAIO

Quinta-Feira

ILUMINAÇÃO ÍNTIMA

INTIMNI OSVETLENI
AN INTIMATE ILLUMINATION

de Ivan Passer

Tema e Argumento: Jaroslav Papousek,
Ivan Passer, Václav Sasek

Realização: Ivan Passer

Fotografia: Miroslav Ondříček

Direção Artística: Karel Cerný

Actores: Karel Blázek, Zdeněk Bezušek,
Vera Kresadlová, Jan Vostřil, Jaroslava Stedrá

Produção: Estúdio Cinematográfico Barrandov

Duração: 71 minutos — preto e branco — 1965

Iluminação Íntima de Ivan Passer pertence ao grupo de filmes dos anos sessenta que, mais do que desenvolver uma história dramática, procuram captar o interior das pessoas e a atmosfera desse tempo.

A acção do filme decorre durante três dias e pode ser resumida em poucas frases. O músico filarmónico Petr chega com a namorada a uma pequena cidade checa, para participar num concerto de uma orquestra sinfónica de amadores.

Petr que fora colega de estudos de Bambas, o director da Escola de Música Municipal da cidade, passa o fim de semana no seio da família do amigo, conhece o seu modo de viver e recorda com ele a sua juventude. Surge então uma pequena tensão, quase imperceptível, entre o mundo do director da escola (sonhos antigos quase sepultados, uma mulher que está a ficar gorda, uma casa nova e um carro), e o mundo do seu amigo Petr. Para Passer, esta faísca imperceptível é suficiente para tornar a iluminação íntima num forte reflector apontado para a vida aparentemente de sucesso do aparentemente satisfeito Bambas. O encontro com Petr que apenas tem o seu violoncelo e a sua amiga Stepánka, provoca em Bambas uma rebelião, embora vã e provavelmente última.

O crítico Gustav Francí, no seu artigo de 31.03.1965, conseguiu expressar o sentido da obra de Passer:

"Passer narra na sua obra uma realidade pouco alegre, embora atenuada pela forma amorosamente poética com que é retratada. O seu filme transforma-se numa declaração crítica à pequenez da vida, amarrada por convenções que fecham as aspirações e os sonhos de ontem numa "agradável" gaiola. É indiferente saber se Passer nos queria mostrar uma imagem crítica da nossa vida..."



O FIM DE UM PADRE

FARARUV KONEC
THE END OF A PRIEST

de Evald Schorm

Tema: Josef Skvorecky

Argumento: Josef Skvorecky, Evald Schorm

Realização: Evald Schorm

Fotografia: Jindrich Goetz

Direção Artística: Jindrich Goetz

Actores: Vlastimil Brodsky, Jan Libicek,

Jana Brejchová, Zdena Skvorecká,

Josefa Pechlátová, Jaroslav Satoransky, Vaclav Kotva

Produção: Estúdio Cinematográfico Barrandov

Duração: 98 minutos — preto e branco — 1969

O *Fim de Um Padre* é a história de um capelão de uma pequena aldeia que, por amor ao próximo, se faz passar por padre. A aldeia desconhece essa fraude misericordiosa e recebe com alegria os conselhos do seu pastor espiritual, que é compreensivo com o sofrimento e sabe encontrar as palavras certas no momento certo. Apenas o professor, que teme perder a sua posição de "primeiro homem da aldeia", não partilha esta alegria. O novo padre ganha popularidade junto dos seus paroquianos mas não a goza por muito tempo.

Um dia, durante a visita do bispo, a fraude é descoberta. Simultaneamente, o professor acusara o padre de ter conduzido sob os efeitos do álcool e assim aparece na aldeia o prefeito com os seus guardas. O infeliz capelão tenta fugir e ao subir por uma viga debaixo do tecto da nave da igreja, cai e morre...

Segundo Josef Skvorecky, que desde a ocupação do seu país pelas tropas soviéticas em 1968, vive no Canadá, aonde criou com a sua mulher uma editora para publicação de muitos dos autores proibidos pelos comunistas, trata-se de uma tragicomédia, narrada através de duas técnicas diferentes: f a n t á s t i c o -
-cômica e realista.

Ao mesmo tempo é a imagem de uma típica aldeia checoslovaca, retratando os aldeões com as suas opiniões, os seus pecados (às vezes muito alegres) e as suas fraquezas.

O próprio Schorm não chegou a presenciar o regresso da democracia ao seu país: faleceu imediatamente antes de Novembro de 1989.

THE LIFE OF THE



+

A BRINCADEIRA

ZERT
THE JOKE

de Jaromil Jires

Tema: motivos do romance homónimo de Milan Kundera

Argumento: Milan Kundera, Jaromil Jires

Realização: Jaromil Jires

Fotografia: Jan Cunik

Música: Zdenek Pololánek

Direcção Artística: Leos Karen

Actores: Josef Kresadlová, Ewald Schorm

Produção: Estúdio Cinematográfico Barrandov

Duração: 80 minutos — cor — 1968

O filme *A Brincadeira*, foi rodado por Jaromil Jires segundo o romance homónimo de Milan Kundera.

O protagonista Ludvík Jahn, chega à sua terra natal no Sul da Morávia para se encontrar com a redactora de rádio Helena. Na realidade o motivo do encontro é o apelido de Helena. Helena é esposa de Ludvík, antigo colega de escola de Pavel, que, por causa de uma brincadeira inocente, o expulsou da Universidade, marcando o seu destino como pessoa suspeita politicamente.

Ludvík quer fazer-se pagar pela injustiça e seduz Helena. Depois, compreende a vaidade, o embaraço e a inutilidade do seu gesto...

O destino de Ludvík Jahn é o destino de muitos milhares de cidadãos da Checoslováquia, com quem a realidade dos anos cinquenta brincou cruelmente. É uma imagem da época que medela entre 1948 e 1961 e simultaneamente uma condenação dos erros desse tempo. Mostra, de um modo implodioso, a rapidez com que perdem a memória os autores de injustiças e como criam alibis interiores para os seus actos. Mostra também a dificuldade que as vítimas dessas injustiças, feitas em nome da camaradagem e de outras grandes palavras, têm em esquecer.

Segundo Jaromil Jires, "os danos feitos no homem não podem ser reparados como um chão partido porque os corações humanos têm memória e o seu juízo".

THE CASE FOR ALEXANDER TRICHOPIANIS

BY [illegible]

BY [illegible]



O CASO PARA UM CARRASCO PRINCIPIANTE

PRIPAD PRO ZACINAJINO KATA
THE CASE OF A BEGINNING HEADSMAN

de Pavel Juracek

Tema: Segundo motivos do terceiro livro das *Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift

Argumento e Realização: Pavel Juráček

Fotografia: Jan Kalis

Direção Artística: Milan Nejedlý

Actores: Lubomír Kozelka, Pavel Landovsky,

Klára Jerneková, Ludek Kopriva

Produção: Estúdio Cinematográfico Barrandov

Duração: 102 minutos — preto e branco — 1969

O filme parte do terceiro livro das *Viagens de Gulliver* do clássico inglês Jonathan Swift. O protagonista é o moderno Lemuel Gulliver de Swift, que após um acidente de automóvel vai parar ao misterioso país Balbibarni sobre o qual flutua a sua capital, Laputa. Vive experiências e situações quase kafkianas, encontra pessoas estranhas e passa por magníficas aventuras em que quase sempre a sua vida está em perigo. Juracek introduz Gulliver num mundo misterioso que se parece em muitos aspectos com o mundo moderno. A perspectiva de um ponto de vista elevado permite-lhe descobrir todos os mecanismos destrutivos que levaram a sociedade, em tempos desenvolvida nas áreas da cultura, da economia e moral, até uma regressão a actos insensatos e a uma opressão sem escrúpulos.

O filme é difícil de classificar do ponto de vista do género. Foi chamado burlesco, mas também poderia ter sido considerado como tragicomédia, sátira, utopia, drama absurdo ou filme político. É certo que no seu tempo foi considerado perigoso, de modo que, após a rodagem foi proibido e o público checo só o pôde ver vinte anos mais tarde.

Pavel Juracek já não chegou a presenciar a apresentação do seu filme nos cinemas. Faleceu na Primavera de 1989.

THE 1971 FÖNÉBRAL

THE 1971 FÖNÉBRAL



A FESTA FÚNEBRE

SMUTEČNÍ SLAVNOST
THE FUNERAL PARTY

de Zdenek Sirovy

Tema: Segundo o romance homónimo de Eva Kanturková

Argumento: Eva Kanturková, Zdenek Sirovy

Fotografia: Jiri Macháne

Direcção Artística: Karel Cerny

Actores: Jaroslava Tichá, Josef Somr, Božena Bohmová, Jana Vychodilová, Gustav Opocenský

Produção: Estúdio Cinematográfico Barrandov

Duração: 70 minutos — preto e branco — 1969

Obra original de Zdenek Sirovy e de Eva Kanturkova, esperou mais de vinte anos pela sua estreia, pois o regime comunista proibiu a sua exibição.

Eva Kanturkova, autora do romance homónimo e co-autora do argumento, assinou a *Carta 77* (uma proclamação do grupo de oposição ao regime totalitário) e esteve presa durante o período de *normalização*.

Uma Festa Fúnebre, narra a história de uma mulher da província que, contra a arbitrariedade dos magnatas comunistas, impõe o direito de um funeral digno para o seu defunto marido. Este, fora exilado à força pelas autoridades da sua aldeia, ao enfrentar a *colectivização* imposta em 1951.

É uma construção austera que lembra um drama da Antiguidade. Ao mesmo tempo é uma sinfonia de imagens em três partes, sendo o tema central a relutância humana contra a injustiça.

A própria realização do filme decorreu debaixo da sombra dos tanques soviéticos e sob a impressão da morte trágica de Jan Palach que se deixou queimar vivo, como protesto contra a ocupação soviética.

A preto e branco conta com a excelente fotografia de Jiri Macháne.



FICHA TÉCNICA:

DIRECÇÃO DE PROJECTO

António Cunha

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO

Ana de Almeida

Blanka Kevácsová

Ilda Castro Ferreira

SECRETARIADO

Isabel Guimarães

Manuela Martins

EQUIPA TÉCNICA

Alexandra Martins

Álvaro Silva

Carlos Coelho

Paulo Cordeiro

ATENDIMENTO/RECEPÇÃO

Albertina Santos

Conceição Dias

Paulo Vasconcelos

APÓIO

Fátima Aragonez

Lurdes Lopes

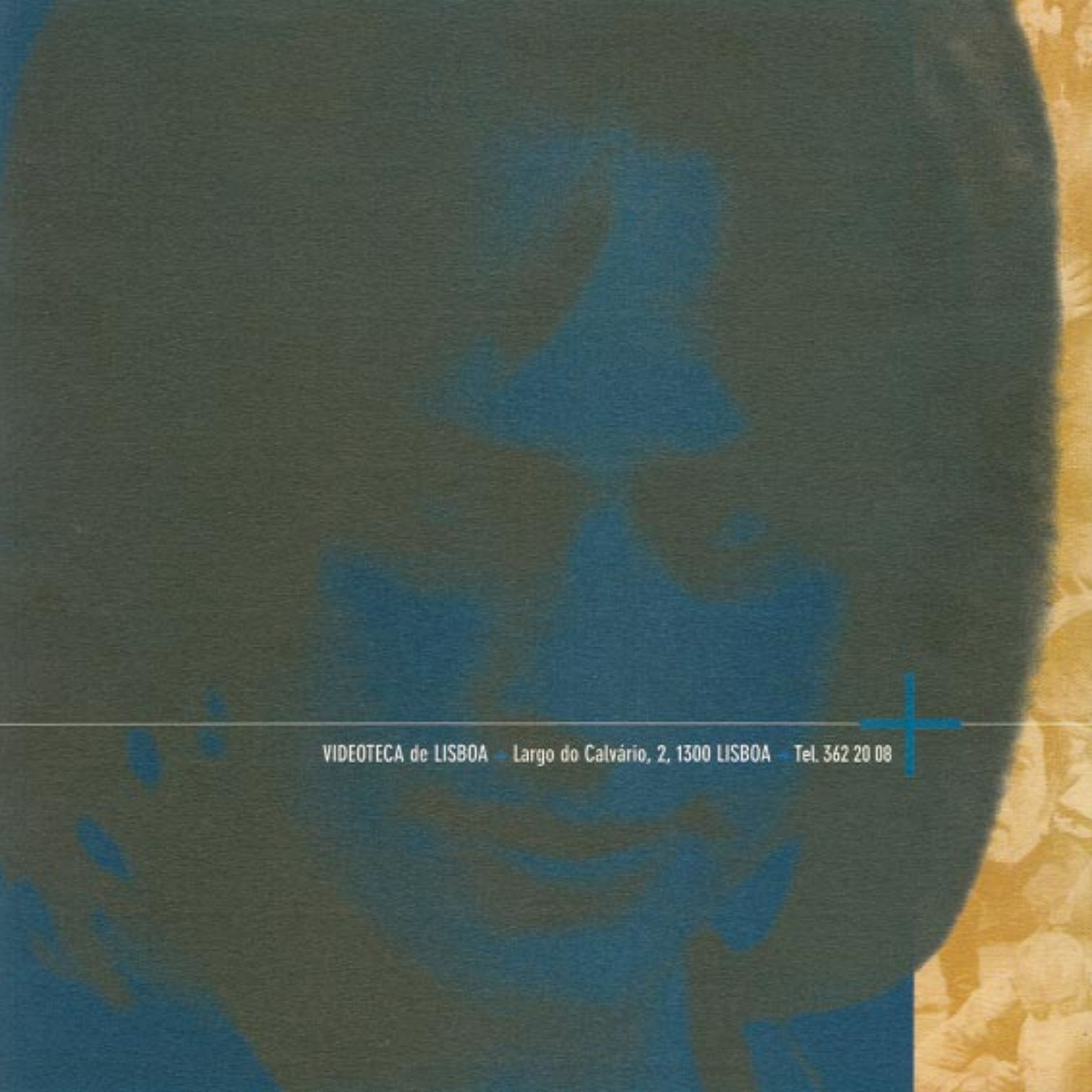
Rogéria Teixeira

DESIGN GRÁFICO

João Vinagre







VIDEOTECA de LISBOA · Largo do Calvário, 2, 1300 LISBOA · Tel. 362 20 08